

Ku Lu Zan: Um Verdadeiro Mestre da Palma de Ferro

No pior momento histórico para as artes marciais, nasce um mestre formidável

*Por Gene Ching, in Inside Kung-Fu (abril de 1997)
Tradução de Rodrigo Wolff Apolloni*

O ano: 1931. A China ainda se debatia com a explosiva política interna que a havia empurrado, três décadas antes, para a devastadora revolução causada por um século de intervenção pelas potências européias. Neste ano, o país ainda teria que tolerar as humilhantes violações promovidas pelos japoneses sob o governo títere de Pu Yi, o último imperador.

O proverbial desinteresse das velhas gerações pelas tecnologias do Ocidente acabou por provocar – quando do conflito econômico e militar com esses países – uma tragédia cultural em todos os níveis, com profundos reflexos nas artes marciais locais. A humilhante tragédia da Rebelião dos Boxers, trinta anos antes, degradaria para sempre a imagem do Kung-Fu aos olhos do mundo. A velha arte marcial parecia absurda frente às táticas, armas e à imposição do consumo de drogas pelos invasores ocidentais.

Afinal, defesa pessoal poderia ser adquirida pelo mero porte de uma arma; transcendência religiosa, pelo tragar de um cachimbo de ópio. Por que, então, gastar tempo e esforço em treinamento? O conceito de “invencibilidade”, tão caro ao velho pensamento marcial chinês, estava extinto, e com ele muito do poder e do respeito devotado aos mestres de Kung-Fu.

Mesmo o mosteiro budista de Shaolin – milenar berço das artes marciais chinesas – havia sido pilhado e incendiado, e os lendários monges combatentes chegaram a assistir, impassíveis, ao rapto das mulheres do vilarejo local (que haviam buscado proteção entre os muros do templo) por soldados armados de carabinas e pistolas. O caso do cavalo indomável – Um evento ocorrido no Parque da Melancia, em Cantão, haveria de restaurar a chama da fé nas artes marciais. Um russo, proprietário de um circo itinerante, desafiava o público a enfrentar, mediante recompensa, um cavalo especialmente treinado para aplicar coices. Remanescente dos tempos do Império

Romano, quando animais eram treinados para ferir e matar cristãos nos intervalos entre as lutas de gladiadores, este tipo de desafio ainda era comum na virada do século.

Enfrentar cangurus boxeadores ou crocodilos era, então, algo normal na prática circense. Significativamente, porém, aquele cenário em especial evocava uma velha lenda chinesa, a respeito de um cavalo selvagem enviado por bárbaros à corte chinesa. Com o presente, estrangeiros lançaram um desafio, de domar o animal. Com isso, buscavam mostrar aos governantes do “Celeste Império” o seu poder e a inutilidade de resistir ao assédio vindo do Oeste.

Assim, mais do que uma recompensa, muitos participantes lutavam movidos pela crença de que poderiam recuperar um pouco da dignidade perdida. A questão básica era: durante quanto tempo, com suas armas e seus cavalos selvagens, os invasores haveria de humilhar a China?

Muitos mestres aderiram ao sinistro apelo, incluindo Lau Fat-Mang, grão-mestre da escola Garra de Águia. Indistintamente, os desafiantes eram escoiceados. Incapaz de tolerar o peso da derrota dos lutadores, um artista marcial do norte, Ku Lu Zan (1894 – 1962), mestre de Kung-Fu do Shaolin e do estilo Sun de Tai-Chi-Chuan, pisou na arena. Ele era membro da fraternidade nortista conhecida como “Os Cinco Tigres do Norte”, formada pelos cinco mais poderosos combatentes da época: o próprio Ku Lu Zan, Wan Lai Sheng, Wan Lai Min, Li Xian Wu e Fu Zheng Song.

O desafortunado cavalo morreu rapidamente, fulminado por um potente golpe de palma de mão em seu dorso. Numerosas testemunhas, inclusive Lau Fat-Man, assistiram ao exame post-mortem do animal e ficaram estarecidos: exteriormente pouco afetado, o animal tinha tido a espinha fortemente lesionada e muitos dos seus órgãos internos estavam despedaçados. Os ferimentos haviam sido provocados por Ku Lu Zan dentro da “Palma de Ferro”, sua técnica mais conhecida.

O caso do “cavalo indomável” foi um dos últimos registros históricos da verdadeira técnica da “Palma de Ferro”. Ainda que o quebramento de tijolos, pedras e cocos seja impressionante, ainda assim resulta apenas de demonstrações de técnicas externas, especialmente no caso de praticantes com estrutura muscular desenvolvida. Muitos

praticantes não-chineses que praticam a técnica podem, facilmente, quebrar tijolos e pedras. Ainda assim, um golpe que possa destruir os órgãos internos de outro ser vivo está cercado de uma “aura mística” impressionante.

Atualmente, ninguém é suficientemente excêntrico para matar outro ser vivo a título de demonstração. O sacrifício de animais por “egocentrismo marcial” saiu de moda nos anos 60, após os números de abate de touros realizados por Mas Oyama. Desde então, os artistas marciais passaram a quebrar apenas objetos.

Ainda assim, a “Palma de Ferro” representa uma das armas tradicionais do violento passado chinês, sendo preservada até hoje como uma disciplina de preparação para futuras ameaças. Pode-se acreditar, então, que uma demonstração como a de Ku Lu Zan só poderia voltar a acontecer se a China passasse por outro momento crítico.

Quando o campeão tornou-se um tigre - Ku Lu Zan tinha 37 anos quando abateu o cavalo em Cantão. Nesta época já era um bem-estabelecido integrante da comunidade marcial, especialmente nas províncias de Hubei, Hunan, Jiangsu e Zhejiang. Descendente de uma família de forte influência marcial, era filho de Ku Li Zi, renomado seguidor das técnicas do mosteiro de Shaolin em Henan e mestre do estilo muçulmano do Tan-Tui (“pernas explosivas”).

O patriarca havia fundado seu próprio serviço de escolta de caravanas fora de Nanjing. Nesta época, assaltantes e escroques eram comuns nas estradas chinesas, causando aos viajantes impacto semelhante ao provocado pelos bandoleiros do Oeste americano. Assim, muitos artistas marciais montaram suas próprias empresas de proteção a caravanas e a viajantes; a Casa de Escolta de Lei Chi era notória por sua eficiência.

Após algum tempo, Ku Li Zi possuía mais de 200 combatentes à sua disposição. Tragicamente, ele morreu quando seu filho tinha apenas 14 anos. Ku Lu Zan, que havia passado a maior parte da infância em uma escola privada, praticou Kung-Fu com o pai por apenas dois anos.

Em seu leito de morte, Ku Li Zi lamentou profundamente não ter repassado seus conhecimentos marciais aos filhos Lu Zan e Yu Man (o mais velho). Ele recomendou a

ambos que, se quisessem seguir a carreira marcial, deveriam encontrar o tio, Yan Ji Wen, em Shandong.

Dois anos depois, Ku Lu Zan fez exatamente isso, abandonando os estudos para se dedicar integralmente às artes marciais. Com o mestre Yim Kai Yum, treinou durante onze anos as técnicas do “Punho de Shaolin”, “Corpo de Ferro de Shaolin” e “Palma de Ferro”. Em 1929 a comunidade marcial chinesa, reunida, buscou restaurar uma parte da honra perdida promovendo um exame nacional de Kung-Fu sob os auspícios do Instituto Nacional de Artes Marciais de Nanjing. Os participantes competiriam em luta livre, combate, armas curtas e armas longas. Durante a fase final da competição não haveria diferenciação entre pesos, normas de segurança ou equipamentos de proteção. Ao final, Ku Lu Zan foi selecionado para o grupo de 15 atletas – os primeiros colocados no exame – que passariam a representar as artes marciais chinesas.

Depois do exame, o mestre do Shaolin do Norte rumou para o sul da China junto com os outros quatro integrantes do “Grupo dos Quinze”: Wan Lai Sheng, Wan Lai Min, Li Xian Wu e Fu Zheng Song. A missão da equipe – os agora chamados “Cinco Tigres do Norte” – era representar os estilos do Norte no sul da China. Marcialmente, o país era dividido entre os chamados “estilos do norte” e os “estilos do sul” (a diferenciação predomina até hoje); a linha divisória era o rio Amarelo (Yang-Tzé Kiang).

Ku Lu Zan abriu sua escola, a Escola de Artes Marciais de Guangzhou, em Cantão, na estrada leste Wen De, na mesma área onde estava instalada a escola do famoso professor Tan San, adepto do estilo Choy Lee Fut, do sul. Ainda que os dois mestres viessem a se tornar rivais, eles souberam manter o respeito pelas mútuas habilidades marciais.

Em um inédito exemplo de camaradagem, Tan San e Ku Lu Zan dividiriam técnicas e discípulos, o que provocou reações espantadas por parte dos integrantes dos fechados círculos de artes marciais de então. Tan San desenvolveu uma nova forma de Choy Lee Fut, chamada Bak Sihng, a partir da adição de técnicas do Shaolin ao seu próprio sistema.

Para Ku Lu Zan, o Choy Lee Fut era apenas mais um estilo a ser analisado durante sua longa pesquisa sobre as artes marciais. Ele conseguiu desenvolver um considerável repertório técnico a partir do treinamento com muitos dos maiores mestres de sua época. Além do treinamento do Tan-Tui e do Shaolin, ele continuou seu aprendizado dos estilos muçulmanos com o conhecido especialista Yu Zheng Sheng. Ele ainda seguiu o grande espadachim de Wutang, general Li Jing Lin, que lhe revelou as sutilezas do Tai-Chi-Chuan e do seu famoso estilo pessoal, a “Espada de Tai Yu”.

Ku Lu Zan também conheceu a fundo os estilos internos. Para isso, especializou-se em cada um dos três sistemas dominantes do Tai-Chi, Hsing I e Pa Kua a partir dos ensinamentos de um dos mais importantes mestres do seu tempo, Sun Lu Tang. Sun havia fundido as três escolas em seu próprio estilo, o Sun Tai-Chi-Chuan, que acabou por se tornar um dos quatro estilos de Tai-Chi-Chuan reconhecidos para competição pela República Popular da China.

Ku Lu Zan foi um dos grandes divulgadores do novo estilo de Tai-Chi; em sua escola, concomitantemente ao Tai-Chi aprendido com o general Li, ensinava o estilo Sun a seus alunos.

Um moderno herói de Shaolin - Apesar de sua educação diversificada, Ku Lu Zan ficou mais conhecido pelas técnicas de Shaolin. Ele foi um dos mais importantes divulgadores do estilo Shaolin do Norte (Bak Siu Lum, Pek Siu Lum ou Bei Shaolin) no sul da China. Ele foi o mestre de um complexo sistema conhecido como “As Dez Rotinas de Mão do Shaolin”, também chamado de “As Mãos de Pedra de Shaolin”.

Estudantes de Shaolin eram instruídos no manejo de 18 armas tradicionais, e Ku Lu Zan não foi exceção, tendo aprendido todas as técnicas e se tornado especialista no manejo das duas espadas longas. Ele fortaleceu sua técnica do “Corpo de Ferro” estabelecendo um conjunto de 18 rotinas de Chi Kung “pesado” (marcial) chamado “O Pequeno Sino de Ouro”. Sobretudo, ele foi conhecido por sua técnica de “Palma de Ferro”, particularmente depois de episódio do abate do cavalo, em 1931, e de uma demonstração em que quebrou 13 tijolos dispostos sem espaçamento com uma única palmada. Segundo relatos, o golpe foi desferido suavemente e os tijolos se partiram sem fazer barulho.

O Legado de um Tigre - Por seu profundo conhecimento marcial e mesmo por seu aspecto lendário, Ku Lu Zan tornou-se um dos mais requisitados e ativos mestres de seu tempo. Além de ministrar aulas em sua própria academia, também foi professor, durante um certo período, do famoso Instituto de Artes Marciais das Províncias de Cantão e Guanxi. Os últimos vinte anos de sua vida foram passados em Cantão, na sua própria escola. Apesar das restrições governamentais, ele continuou ensinando sua arte mesmo depois dos primeiros movimentos da chamada Revolução Cultural (movimento promovido por Mao-Tse-Tung e que foi responsável pela destruição de parte da antiga cultura chinesa). Faleceu em 1962, aos 68 anos de idade.

Sua arte sobreviveu através de sete discípulos: Chan Ham Man, Lau Kam Tong, Lun Chi Sheung, Poon Chu, Tse Chung Sang, Wu Siu Po e Yang Sheung Mo (*). Hoje, muitos alunos dos discípulos do Tigre do Norte dão aulas em vários lugares do mundo. Definitivamente, o Shaolin do Norte sobrevive através das novas gerações inspirado, fundamentalmente, pelo espírito do venerável mestre vindo do Norte.

(*) – mestre do grão-mestre Chan Kowk Wai, patriarca do Shaolin do Norte no Brasil e de mestres como Lee Chung Deh e Jorge Jefremovas.